

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO SEU USO PODE ESTÍMULAR O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

STORY TELLING IN CHILDHOOD EDUCATION: HOW ITS USE MAY STIMULATE CHILD'S DEVELOPMENT

Mariana Nogueira Saraiva¹

Fabiana Vigo Azevedo Borges²

RESUMO

A infância é uma fase essencial no desenvolvimento humano. Sendo assim, todas as experiências, vivências, hábitos e interações devem ser de qualidade para estimular e conduzir o desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional. Neste sentido, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, se torna essencial no estímulo ao potencial infantil. Entre as práticas pedagógicas presentes nessa etapa de ensino, destacamos a contação de história que integra a literatura infantil e o lúdico, de forma a contribuir com o desenvolvimento de habilidades linguísticas, comunicativas e do imaginário da criança. Assim, a presente pesquisa possui como objetivo: analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento infantil e compreender como a prática de contação de histórias, na Educação Infantil, pode impulsionar e estimular o desenvolvimento da criança. Para isso realizamos uma pesquisa bibliográfica, baseada em autores que já discorreram sobre o tema, tais como Abramovich (2001), Coelho (2000), Brandão e Rosa (2016), entre outros e também, em documentos norteadores da educação brasileira, que ressaltam a importância da contação de histórias e da literatura infantil para o processo de ensino-aprendizagem. Em nossa conclusão apresentamos o papel do professor nesse contexto e dicas de como este profissional pode explorar a contação de histórias na Educação Infantil.

Palavras-Chave: Desenvolvimento; Leitura; Educação Infantil; Contação de Histórias.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: marisaraiva11@outlook.com

² Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: fabianavigo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e, é compreendida por muitos como a etapa mais importante para o desenvolvimento humano, pois os primeiros anos de vida é uma fase de intensas e ricas aprendizagens com aquisições físicas, sociais, emocionais, cognitivas e afetivas. Nesta fase, são construídas importantes estruturas sociais e cognitivas que devem ser trabalhadas no ambiente escolar, visando o pleno desenvolvimento infantil, que sustentará de forma significativas a construção de conhecimentos futuros (BRASIL, 1998).

Sendo assim, considera-se de extrema importância que o professor da Educação Infantil compreenda a importância de seu papel e planeje suas práticas sempre visando o desenvolvimento integral de seus alunos. E, pense que todas as ações tomadas em sala de aula são de suma importância para a formação de hábitos na infância, inclusive os relacionados a leitura e escrita, mesmo que as crianças não saibam ler e escrever nessa fase (BRASIL, 1998), já que o importante é o estímulo e a construção de uma base sólida para as aprendizagens futuras.

Sendo assim, é possível afirmar que a infância é essencial para a consolidação de hábitos, por isso é indispensável que a criança seja educada e estimulada, de forma significativa e adquira importantes noções sobre a leitura e escrita convencionais. Considerando que esta prática colabora para o desenvolvimento da comunicação, fala, memória, interação, entre outros aspectos (BRASIL, 1998).

Diante disso, devemos refletir e construir práticas pedagógicas, ferramentas e estratégias didáticas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança dentro deste segmento escolar. Devido a importância dessa temática, observamos que a mesma tem se tornado alvo das mais diversas pesquisas e discussões no campo da educação nas últimas décadas.

E, frente a isso, sob cunho bibliográfico e de natureza qualitativa, a presente pesquisa surge com o objetivo de discutir, analisar e compreender como a literatura infantil e contação de histórias podem se tornar ferramentas de ensino, aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil.

A presente pesquisa possui como objetivo geral, analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento infantil e compreender o papel da literatura na Educação Infantil, considerando as práticas pedagógicas recomendadas teoricamente. E, têm como objetivos específicos: compreender em que aspectos a

literatura e a contação de histórias colabora para o desenvolvimento infantil; refletir como a literatura infantil e a contação de histórias podem ser utilizadas como recurso pedagógico na Educação Infantil; e observar o papel do professor na mediação entre o universo da literatura infantil e a criança desta etapa de ensino.

Para atingir esses objetivos, utilizamos referências teóricas como Abramovich (2001), Coelho (2000), Brandão e Rosa (2016), Zilberman (2005), entre outros e documentos como o Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017) e outras referências consultadas em bases de dados de arquivos, sites acadêmicos e literaturas diversas.

Sendo assim, o presente trabalho organiza-se em três diferentes seções: a primeira destinada a tratar sobre um breve histórico da literatura infantil no Brasil e no mundo; a segunda sobre a relação entre a contação de histórias e o desenvolvimento infantil; e a última discorre sobre o papel do professor na mediação entre a criança da Educação Infantil e a literatura/contação de histórias.

I - A LITERATURA INFANTIL: CARACTERÍSTICAS E HISTÓRICO

Durante grande parte da história da humanidade a compreensão da infância e a visão a respeito da criança, suas necessidades e particularidades foram totalmente desconhecidas e ignoradas, por todas as camadas da sociedade. Era muito comum a criança participar da vida social e política como se fosse um adulto, o que implicava no fato de que nada era feito ou pensado especificamente para elas, muito menos livros ou conteúdos de interação adaptados para sua idade ou fase de desenvolvimento (ZILBERMAN, 2005).

A concepção de que a criança não era um “adulto em miniatura” e que precisava estar em contato com situações, experiências, conteúdos e materiais adequados e pensados de forma a contribuir com seu desenvolvimento surgiu na Europa entre os séculos XVII e XVIII, trazendo então consigo as primeiras ideias sobre escrever livros infantis e dedicar obras exclusivamente a esse público (ZILBERMAN, 2005).

Sob esse aspecto, Cunha (2005, p.22) pontua que:

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Souza e Feba (2011) destacam que os contos de tradição oral que circulavam entre os povos da Idade Média, diante da mudança de concepção sobre a infância, foram sendo aos poucos “adaptados” e compilados em outros pequenos contos destinados às crianças. As primeiras iniciativas dessa adaptação foram feitas na Itália, no final do século XVI.

Contudo, esse “novo” pensamento ganhou força somente no século XVIII quando surgem grandes representantes da literatura infantil, como Charles Perrault, Jean de La Fontaine e os irmãos Grimm. Podemos observar que as primeiras histórias foram propostas com o claro objetivo de instruir e ensinar valores e aspectos morais então difundidos na sociedade e, apenas mais tarde, essas histórias passam a ser vistas e consideradas como “histórias para crianças” (ZILBERMAN, 2005). Esses pioneiros ao transcreverem contos populares e diversas histórias de tradição oral, permitiram que surgisse e se espalhasse pelo mundo esse novo gênero literário: a literatura infantil.

Entretanto, no Brasil, devido ao atraso da colonização, a consolidação de autores de literatura infantil se deu ainda mais tarde, no final do século XIX, quando as mudanças políticas estruturavam novas formas de pensar. Como destaca Zilberman (2005, p.16):

O Brasil daquele período estava mudando de regime político. [...] O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente. É nesse ponto que um novo mercado começa a se apresentar, requerendo dos escritores a necessária prontidão para atendê-lo. O problema é que eles não tinham atrás de si uma tradição para dar continuidade, pois ainda não se escreviam livros para crianças na nossa pátria. O jeito então era apelar para uma das seguintes saídas:

- traduzir obras estrangeiras;
- adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos;
- reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente alunos e estavam se habituando a utilizar o livro didático;
- apelar para a tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas [...]

Diante desse fato e com o auxílio de nomes como Carlos Jensen e Figueiredo Pimentel é que as crianças brasileiras tiveram acesso a conteúdos como os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen, escritos nos Contos da Carochinha (1894), nas

Histórias da avozinha (1896) e nas Histórias da baratinha (1896), os Contos seletos das mil e uma noites (1882), Robinson Crusóe (1885), Viagens de Gulliver (1888) As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894), D. Quixote de La Mancha (1901) entre outros (ZILBERMAN; LAJOLO, 2003).

A consolidação desse gênero literário no Brasil, só passa a tomar a forma que conhecemos atualmente, a partir do século XX e, tendo como seu precursor o escritor Monteiro Lobato, que rompeu com os modelos até então utilizados, que focavam na reprodução europeia, e trouxe as primeiras ideias de valorização do livro e da literatura infantil como objeto de divertimento e aprendizagem (CADEMARTORI, 1987).

É importante destacar que Monteiro Lobato possui grande relevância no gênero literário infantil, pois acrescentou ao gênero a valorização do contexto brasileiro e a fantasia, já que nem tudo que escrevia espelhava a realidade, possibilitando a criança a imaginar e criar novas histórias a partir da leitura. Por esse motivo seu legado é valorizado até hoje e sua missão destacada em uma frase de sua própria autoria, que diz “um país se faz com homens e livros” (CADEMARTORI, 1987).

Desde então a literatura infantil, como uma manifestação cultural, humana e social, vem ganhando espaço nas casas, escolas, livrarias e demais espaços de circulação de livros através da diversidade de gêneros que vão desde as fábulas, contos, clássicos, até as famosas histórias de princesas, sempre iniciadas com o “era uma vez” que consolidaram a infância de muitas crianças ao redor do mundo.

II - A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: APONTAMENTOS TEÓRICOS.

Desde a pré-história o ser humano possui o hábito de se reunir e contar histórias, conforme podemos perceber pelas pinturas nas cavernas. Essa prática milenar de destaque na organização social, acabou contribuindo com a preservação de tradições e com a propagação da cultura nos mais variados contextos.

Diante disso, Souza e Feba (2011, p. 153) afirmam que:

As primeiras civilizações utilizavam a linguagem oral para repassar aos seus descendentes a sabedoria deixada por seus antepassados, para solucionar problemas e manter vivas as tradições e segredos de seus povos. Nesse sentido, ao olharmos para a história da humanidade constatamos que ela está fortemente marcada pelo uso que os homens fizeram das narrativas para que pudessem se descobrir enquanto pessoas e para repassar às gerações futuras sua identidade e as descobertas realizadas em consequência de suas

necessidades, ou seja, o fazer-se ser humano foi construído no decorrer da história narrada.

Assim, ouvir história e de alguma forma participar dessa cultura inicialmente narrada e posteriormente, preservada pela escrita, sempre foi um meio de propagar, informar, ensinar, encantar, distrair, socializar, divertir e instruir dentro dos mais variados contextos sociais e históricos. Neste sentido, concordamos que o ato de transmitir informações, propagar, ensinar, encantar, distrair, socializar ou até mesmo divertir, por meio de história narrada, pela escrita ou oralidade, permite ao que ouve o evento narrado a oportunidade de vivenciá-lo mesmo sem ter estado presente naquele momento, o que se configura como ação essencial para a construção social e cultural da humanidade (ABRAMOVICH, 2001).

No caso da criança, que está em processo de desenvolvimento, com constantes descobertas e aprendizagens a respeito de si e do mundo que a cerca, ter acesso a literatura infantil por meio de livros e histórias contadas, estimula a construção de saberes e permite que o pensamento sobre a realidade, construindo conhecimentos socioculturais, o que é de suma importância para seu desenvolvimento cognitivo e consolidação de sua identidade pessoal e social (ZILBERMAN; LAJOLO, 2003).

Como complemento encontramos em Abramovich (2001) o argumento sobre o desenvolvimento socioemocional, pois, segundo a autora, os aspectos emocionais despertados no momento em que uma criança ouve ou lê uma história, fazem com que sejam mobilizadas estruturas cognitivas responsáveis pelo medo, angústia, raiva, curiosidade, imaginação e pensamento de modo geral, permitindo a essa criança a ampliação de suas capacidades, de modo significativo.

Diante dessas contribuições, a autora acrescenta que:

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais[...]. Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação" (ABRAMOVICH, 2001, p.16-17).

Não há dúvidas que o contato com histórias, desde a primeira infância, estimula o desenvolvimento da criança. Por essa razão, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) ressalta que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p. 143)

As narrativas infantis exploram o conhecimento pelo lúdico, pela magia e pela imaginação, já que reconhecem as características da criança, que pensam de forma específica que compreende o faz de conta uma maneira de descobrir a realidade, comparar as experiências, e criar vivências. Para a criança, a contação de história se revela como uma atividade surpreendente e encantadora, pois:

É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...] (ABRAMOVICH, 2001, p.17).

Considerando que as crianças estão em constante processo de desenvolvimento e aprendizagem é essencial oportunizar o acesso a práticas pedagógicas que consolidem o prazer da leitura e da contação de história. Já que quando ouve histórias o cérebro infantil também se prepara e aprimora habilidades importantes e relacionadas a afetividade, imaginação, auto confiança, expressão, vocabulário, interação social, criatividade e tantas outras essenciais para seu desenvolvimento emocional e cognitivo, bem como, constrói compreensões éticas, relacionadas ao respeito com o outro, ao conhecimento de valores e regras de convívio social, à resolução de conflitos, interação, cooperação, respeito a diversidade (SANTOS, 2011).

Em suma, observamos muitas pesquisas e muitas indicações bibliográficas que ressaltam o valor pedagógico da literatura infantil, pois as narrativas, lidas ou contadas, permitem que as crianças aprendam, de forma lúdica e significativa.

III- O PAPEL DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COMO ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A Educação Infantil é a primeira oportunidade de contato da criança com o ambiente escolar e, na maioria das vezes a primeira experiência fora de seu ambiente familiar. Por consequência, o professor da educação infantil se configura como um

modelo externo, diferente do adulto que convive no núcleo familiar, dessa forma ele se torna uma importante referência de postura, de fala e de ação diante do mundo que a criança está aprendendo a descobrir. Por essa razão concordamos com Coelho (2000) quando afirma que o professor se torna responsável pelo alicerce e bases do conhecimento que sustentarão a vida futura da criança.

Sendo assim, a Lei nº 9394/96 que dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) destaca que essa primeira etapa da educação básica deve focar o desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos nas chamadas creches e pré-escolas. Essa legislação se fortifica com a promulgação da Base Nacional Curricular Comum (2017) que defende que essa etapa de ensino se configura pela relação entre o cuidar e educar, pressupondo o desenvolvimento infantil a partir de campos de experiências, com as estratégias específicas que privilegiam dois eixos principais: as interações e as brincadeiras.

O documento destaca ainda que todo planejamento pedagógico deve prever atividades e práticas que garantam os direitos essenciais das crianças. Sendo eles:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2017, p.36).

Neste sentido, o professor da Educação Infantil tem a importante função de apresentar o mundo à criança e, instigá-la a conhecê-lo, explorá-lo e adquirir hábitos

e ações que influenciem positivamente em seu desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo e emocional (BRASIL, 2017).

Contudo, para que os objetivos educacionais se cumpram o professor deve ter plena consciência de que tudo que faz dentro da sala tem efeito no desenvolvimento de seus alunos. E, por isso, deve sempre propor situações significativas, interessantes e que ofereçam desafios e condições para que esta criança seja estimulada e se desenvolva dentro de suas capacidades e potencialidades (BRASIL, 1998).

Neste contexto, a contação de histórias como estratégia didática e exploratória da literatura infantil, ganha destaque como rica ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento da criança, focando os cinco campos de experiência, com destaque para o campo “escuta, fala, pensamento e imaginação”, no qual destacamos a construção da imaginação, do raciocínio, da criatividade e da atenção direcionada.

Entende-se então que as práticas pedagógicas devem ser organizadas visando oferecer oportunidades para a criança interagir e brincar através de boas histórias, colaborando para desenvolvimento de diversas competências e habilidades e, em especial a própria identidade da criança, como ressaltado pelo RCNEI (BRASIL, 1998) ao destacar que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p.143).

Sendo assim, a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente, e o desenvolvimento de habilidades linguísticas e de apoio à alfabetização, pois a “criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras” aprende de forma lúdica, já que “ouvir um texto já é uma forma de leitura” (RCNEI, VOL. 3, p.141).

A respeito disso, Brandão e Rosa (2016) defendem que mesmo que não saibam ler convencionalmente, é dever do professor apresentar a criança experiências de qualidade no contato com a literatura infantil e sempre incentivar, questionar e envolver as crianças do começo ao final com práticas interessantes e significativas. Estimulando a memória, atenção, criatividade, imaginação, oralidade e sensibilidade (BRANDÃO; ROSA, 2016).

Para isso, é de extrema importância que o professor planeje sua ação docente, construindo oportunidades pedagógicas lúdicas de contação de histórias por meio da criação uma atmosfera mágica, encantadora e que faça com que a criança seja transportada para o mundo do faz de conta e do imaginário envolvido nas histórias infantis. E, dentro de suas propostas, organize, elabore e utilize diversos recursos, materiais e estratégias que façam esse momento ainda mais interessante e significativo (COELHO, 2000).

Então, é importante consolidar o professor como mediador de aprendizagens, que no contexto de contação de história, utilize sua expressão corporal, voz e entonação como recursos para encantá-las e fazer com que se descubram e se interessem pelo mundo que o cerca.

Segundo Vania Dohme (2010) que se dedicou a sistematizar técnicas de contar histórias, uma boa situação didática de contação de histórias precisa explorar a voz, utilizar corretamente a dicção, o volume, a velocidade, a tonalidade e o vocabulário. De forma complementar, a autora destaca que para uma boa narração é preciso absoluta segurança e naturalidade, “e isto só consegue quem está perfeitamente entrosado com o assunto, quem domina a técnica e quem está convenientemente preparado para contá-la” (DOHME, 2010, p.38)..

É importante apresentar que existem várias diferenças entre ler e contar.

As histórias contadas oralmente têm uma força de transmissão oral, isto é: a voz, o olhar e o gesto vivo do contador de histórias, que alegra ou entristece sua plateia. Na “contação” usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada história, permite-se o uso de recursos e está mais próxima da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias. Ao ler o professor apresenta aos alunos o universo letrado, instigam a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou timbre da voz, mas o texto é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e que não utilizamos cotidianamente ao falar.” (OLIVEIRA, 2006, p.04)

Diante desse cenário, é indispensável também que o professor compreenda a importância do momento de contação e, acima de tudo, transmita o tempo todo, para o expectador (aquele que ouve), confiança e todo esse encantamento que o ato de leitura nos proporciona. Isto quer dizer que, para que a criança “sinta” que esta é realmente uma ação prazerosa e assuma significado, é necessário que o adulto que

está contando a história demonstre, verdadeiramente, que isto é importante e prazeroso para si próprio.

Brandão e Rosa (2016) destacam que organizar o espaço com almofadas e outros elementos convidativos, utilizar fantoches, luvas, varais com imagens dos personagens pendurados, fantasias e outros recursos lúdicos, escolher bons livros, permitir que as crianças tenham contato com diferentes gêneros literários, repetir as mesmas histórias para que as crianças reflitam e se apropriem de algumas características, e criar uma atmosfera de suspense, emoção e encantamento é essencial para que as crianças se interessem pelo universo da literatura infantil e se desenvolvam através dela.

Sendo assim, baseadas nas orientações de Dohme (2012), para as narrações podemos apontar os seguintes cuidados:

a) Selecionar cuidadosamente a história, pois é importante que o professor cuide da qualidade da história e dos objetivos previstos;

b) Realize a leitura da história previamente, já que é necessário que o professor conheça muito bem o enredo;

c) Reconheça os quatro elementos: introdução, enredo, clímax e desfecho, destacando o nome dos personagens e as características principais.

d) Treine a contação da história para si mesmo em frente ao espelho e monitore o tempo da narração;

e) Cuide da entonação da voz, adeque as palavras ao vocabulário das crianças;

f) Exercite os gestos e vozes que serão usados: se for utilizar algum fantoche ou objeto é importante organizá-los antes.

g) Procure estimular os alunos, dando pequenas pistas sobre a história antes do início da contação.

h) Conquiste o silêncio: pode ser utilizada alguma dinâmica.

Outro ponto que é interessante explorar na contação de história é o uso de recursos para a contação, tais como o uso do livro como suporte, o uso de fantoches ou de quadros ilustrativos, de máscaras, de dramatização, de slides, etc.

Enfim, cabe ao professor o papel de estimular, instigar e fazer com que a criança sinta-se motivada, atraída e encantada por aquela história, livro ou momento de contação de história.

Considerando sempre que a criança, por estar imersa em um universo lúdico utiliza sua imaginação como a porta de entrada para essas informações transmitidas

através da leitura e contação de histórias, e que, estes conhecimentos podem auxiliá-los a compreender o mundo e vivenciar com mais confiança sentimentos como medo, tristeza, amor, alegria e tantos outros que permeiam sua vida (ABRAMOVICH, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância é um período determinante no desenvolvimento do ser humano. Por isso, é de extrema importância que este indivíduo seja exposto a situações de qualidade, vivências significativas e práticas que incentivem seu desenvolvimento físico, emocional, afetivo e cognitivo.

Esse dever de promover o desenvolvimento da criança é da família e, quando longe do ambiente familiar, esse papel recai sobre os professores, nesse caso, da Educação Infantil, já que é a primeira etapa da educação básica. E, por isso, seu papel se torna de extrema relevância e essencial para que a criança seja incentivada com situações de qualidade.

Isto quer dizer que o professor deve sempre privilegiar práticas de qualidade, interessantes e que façam com que a criança se descubra, se expresse, imagine, crie, se divirta e aprenda de forma lúdica e significativa.

Para isso, o professor deve se utilizar de estratégias, ferramentas e elementos que o auxiliem nesse processo de desenvolvimento. E, uma das melhores ferramentas pedagógicas de auxílio para a promoção de práticas de desenvolvimento é a contação de histórias e o uso da literatura infantil em contexto escolar.

Cabe então a esse profissional, compreender a importância desse recurso para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social de seus alunos e, oferecer, de forma significativa, momentos, ações e propostas em que se possa compartilhar livros e histórias de qualidade e que enriqueçam, divirtam e permitam com que essas crianças imaginem, fantasiem e adquiram o gosto pela prática da leitura, ainda que não o façam convencionalmente.

Talvez por um equívoco senso comum pensa-se que a criança já nasce com a criatividade e imaginação desenvolvidas e isso, não é verdade. Por isso, é papel do adulto estimulá-la a desenvolver essa capacidade de imaginar, fantasiar e criar um universo “de faz de conta” em que ela conseguirá compreender diversos aspectos de sua realidade.

É de conhecimento de todos que, infelizmente, a realidade de diversas famílias e o contexto social adverso de muitas crianças ao redor do mundo faz com que muitas delas só tenham a oportunidade de ter contato com a literatura dentro da escola. E isso, torna o compromisso e responsabilidade do profissional da educação ainda mais importante e determinante no desenvolvimento dessa criança.

Tendo isso em mente, o professor deve sempre planejar suas ações, organizar o espaço, pensar em propostas adequadas para a faixa etária de seus alunos e que, principalmente partam de seu interesse e sejam significativas para eles.

Além disso, o professor deve ser criativo, dinâmico e compreender seu papel como mediador entre a criança e o mundo encantado das histórias infantis, esforçando-se ao máximo para fazer desse momento algo prazeroso e importante para si também. Já que a criança aprende pelo exemplo e, tem na figura do adulto, e na escola, do professor, alguém para se espelhar.

Ou seja, o professor também precisa sentir esse encantamento pelo mundo das histórias para que de fato as transmita com a emoção, alegria, suspense e animação que elas exigem para que de fato o outro, e nesse caso, a criança, seja “tocada”, transformada e aprenda, e goste, de ser “transportada” para outros “mundos” através do momento da leitura e contação de histórias seja dentro ou fora dos muros da escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BRANDÃO, Ana C. P.; ROSA, Ester C.S. (Orgs.). **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 3. Brasília: MEC, 1998.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

CECCANTINI, João Luís C.T (org). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica. Assis/ SP. ANEP, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teoria e prática**. 18. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

DOHME, Vania. **Técnicas de contar história**. 1. ed., São Paulo: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em Literatura Infantil**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTOS, Rosana Maria Dos. A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil. Monografia. 50.f. Três Cachoeiras, RS. 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71970/00880723.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22/06/2020.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2011.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira história e histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.